

no com as práticas de atenção e gestão em saúde, bem como com a aventura de se deixar “*molhar*” com “*os inconscientes que protestam*”.

Claudia Abbès Baêta Neves  
Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, Brasil.  
abbes@luma.ind.br

1. Foucault M. Em defesa da sociedade. curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes; 1999.
2. Guattari F, Rolnik S. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes; 1985.
3. Negri A, Hardt M. Império. Rio de Janeiro: Record; 2001.

**EPIDEMIOLOGIA DA SAÚDE MENTAL NO BRASIL.**  
**Mello MF, Mello AAF, Kohn R, organizadores.**  
**Porto Alegre: Artmed; 2007. 207 pp.**

ISBN: 85-363-0754-4

Considerando o momento brasileiro de reestruturação da atenção pública em Saúde Mental, e a escassez de informação epidemiológica em nosso meio, a edição do livro *Epidemiologia em Saúde Mental no Brasil*, organizado por Marcelo Feijó de Mello, Andréa Feijó de Mello & Robert Kohn, foi extremamente oportuna por apresentar um primeiro compilado de estudos brasileiros na temática, preenchendo uma lacuna importante para o planejamento das ações neste setor, disponibilizando indicadores da magnitude dos problemas de saúde mental. Todos reconhecem a importância de que políticas, intervenções ou programas sejam baseados em informação derivada de estudos em saúde mental realizados principalmente no próprio país, permitindo colaborações proveitosas entre pesquisadores e os envolvidos na tomada de decisão.

No primeiro capítulo, Regina Marsiglia e colaboradores caracterizam a realidade social brasileira demonstrando indicadores de emprego, renda, pobreza e desigualdade, abordam a questão das políticas públicas e das disparidades regionais, ficando com o Nordeste o pior índice nacional de desenvolvimento humano. Sendo que as condições de vida repercutem nos indicadores de saúde mental, esta nos pareceu a razão para a inclusão deste primeiro tópico.

Segue-se para o segundo capítulo no qual o Coordenador Nacional de Saúde Mental em conjunto com sua equipe, abordam os desdobramentos da Reforma Psiquiátrica e as incursões do Ministério da Saúde para realizar a substituição progressiva do leito hospitalar pela rede integrada de atenção em saúde mental, privilegiando o tratamento em serviços de base comunitária. Dimensiona-se um CAPS para cada 100 mil habitantes, registrando-se o funcionamento de 689 unidades no país. A assistência de base comunitária para a infância e adolescência surge somente a partir de 2003.

No terceiro, Sergio Andreoli apresenta um panorama da rede nacional de assistência em saúde mental, analisando indicadores de hospitais e dos Centros de Atenção Psicossocial para avaliar o impacto das medidas comunitárias de atenção. Demonstra que 36% de redução dos leitos psiquiátricos ao longo de 11 anos foram devidos em grande parte à região Sudeste, em oposição à região Norte que se manteve estável com seu número de leitos. Observa ainda que 40% de redução

dos gastos com internação psiquiátrica não passaram automaticamente para serviços comunitários, verificando ainda, carência de Psiquiatras e de Enfermeiros especializados.

Avançamos para o capítulo quatro no qual Isabel Bordini & Cristiane de Paula apresentam um quadro pormenorizado e claro acerca dos estudos epidemiológicos da infância e adolescência, discutindo nove estudos populacionais brasileiros publicados a partir de 1980, para os quais explicitou critérios de inclusão e exclusão. Penso, porém, que o subtítulo “*Estudos Populacionais e Prevalência*” não denominam corretamente os aspectos metodológicos da revisão ali tratados. Estudos que combinaram dados de dois ou três informantes demonstraram altas taxas de prevalência – 22 e 24,6% – entre famílias de baixa renda. Assinala-se ainda que características familiares como mãe solteira, ausência paterna, brigas freqüentes entre os pais, têm sido associadas com atrasos no desenvolvimento mental e motor de menores de três anos que freqüentam creches.

As taxas de prevalência obtidas com instrumentos de rastreamento variaram de 13,5 a 35% quando pais ou substitutos foram os únicos informantes. Quando o próprio adolescente informava, tivemos variações de 12,6% a 13,1%. Sendo o professor informante exclusivo ocorria variação entre 8,3 e 10,3%. Usando instrumentos diagnósticos e combinando informações de pais, professores e adolescentes as taxas variaram entre 7 e 12,7%.

No capítulo cinco nos confrontamos com a extensão dos transtornos psiquiátricos na população adulta brasileira por meio da contribuição de Jair Mari, Miguel Jorge & Robert Kohn, apresentando índices padronizados por sexo e idade para cada região do país. Estima-se que dez milhões de pessoas demandam atenção psiquiátrica especializada. Esses resultados propiciam uma estimativa da demanda de saúde mental no Brasil e das necessidades de serviços para absorvê-la.

No capítulo seis, Sergio Blay et al. apresentam prevalências de 7% para demência em maiores de 65 anos, e taxa de incidência de 13,8 para cada mil habitantes. Para a doença de Alzheimer encontraram uma incidência de 7,7/1.000 habitantes. O nível educacional tem sido apontado como um fator de proteção.

A epidemiologia do suicídio constitui o capítulo sete, com Saint-Claire & Neury Botega trazendo uma introdução conceitual do fenômeno e revisão do panorama internacional. Ocorreram no Brasil 7.861 suicídios em 2003, correspondendo a 1% do total de mortes, sendo mais freqüentes para os homens entre 20 e 29 anos e para as mulheres entre 15 e 19. O coeficiente de mortalidade por 100 mil habitantes tem se mantido em torno de 4 mil. A região sul tem os maiores coeficientes enquanto o nordeste os menores.

No capítulo oito, Renato Marchetti & Jose Gallucci discutem a epidemiologia da epilepsia, com uma introdução clara e informativa. Dispõe-se apenas de medidas de prevalência com estimativas variando entre 0,2 e 2% da população apresentando uma ou mais crises durante a vida. O impacto econômico da epilepsia a colocou como responsável por 1% dos dias perdidos com doença em todo o mundo. Prevalência de epilepsia é aproximadamente 9 vezes maior em unidades de atendimento psiquiátrico agudo.

A questão da pesquisa em saúde mental na América Latina é abordada no capítulo nove, no qual Ricardo

Zorzetto et al. assinalam um envolvimento maior do México, Brasil e Argentina segundo o critério de publicação de artigos científicos. Finaliza-se então com o capítulo dez de autoria dos três organizadores, focalizando o ônus das doenças mentais por meio de uma medida de incapacidade ajustada para os anos de vida.

O livro é de extrema utilidade para os profissionais do campo.

Darci Neves Santos  
Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia,  
Salvador, Brasil.  
darci@ufba.br

**INOVAÇÃO EM SAÚDE: DILEMAS E DESAFIOS DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA. Azevedo N, Gadelha CAG, Ponte CF, Trindade C, Hamilton W, organizadores. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2007. 424 pp.**

ISBN: 978-85-7541-134-6

A magnitude do livro reapresenta os esforços de nossos cientistas e técnicos na busca de soluções comprometidas com a realidade social brasileira no que tange à produção de vacinas e imunobiológicos. Fato inquestionável tem sido o papel que o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) representa para a saúde no país.

O livro surge em momento histórico pertinente em que convivem a implementação e consolidação das políticas de ciência e tecnologia no país, fortalecidas pela criação do Departamento de Ciência e Tecnologia (DECIT) do Ministério da Saúde, as secretarias estaduais de C&T, a organização das conferências temáticas sobre o assunto e a publicação da Lei da Inovação, conhecida como a Lei do Bem, em 2 de dezembro de 2004.

A aproximação do setor acadêmico com o setor produtivo nacional e internacional por meio dos espaços gerados, como aponta a primeira parte da obra, intensificou, ampliou e reorganizou práticas na unidade técnica da FIOCRUZ, utilizando-se de intercâmbios de cooperação, fazendo a diferença, introduzindo novidades e revolucionando práticas pelo pioneirismo de seus gestores.

A compreensão histórica desse processo como analisa a primeira parte da obra, aprofunda e esclarece como as políticas governamentais, o investimento público e as necessidades de saúde da população convergem de forma positiva no processo de desenvolvimento tecnológico e implantação de ações inovadoras. Processo significativo no caso de Bio-Manguinhos, como aponta a obra, é a transferência de tecnologias mais adequadas e os convênios e parcerias realizados com outros países, por meio de aperfeiçoamento e treinamento de mão-de-obra. Todos esses elementos são significativos na cadeia inovativa e contribuíram na geração de auto-suficiência em vacinas.

Os autores também apontam com pertinência os entraves e desajustes que podem comprometer a implantação de processos novos, a partilha generosa dos pormenores do processo de auto-suficiência de Bio-Manguinhos evidencia caminhos a serem trilhados por instituições públicas e privadas que têm como meta a ousadia de investir nos processos de inovação, em especial na área de biotecnologia em saúde.

Outro mérito da obra é apresentar de forma clara os movimentos políticos que afetam os processos de desenvolvimento institucional e o seguimento de atividades de potencial para as áreas de saúde, apontando com franqueza como mecanismos gerenciais e operacionais podem comprometer o resultado final dos projetos.

O livro tem o poder de tornar humano, por meio de cada um de seus protagonistas, os sucessos e percalços que a instituição experimentou no processo de consolidação de novas tecnologias. Um grupo de cientistas, técnicos e gestores expõem seus caminhos dentro do processo, de forma coletiva, no qual cada um trouxe a diversidade que possibilitou construir a unidade: Bio-Manguinhos. A contrapartida para solucionar tais problemas vem das políticas institucionais, de mecanismos indutores para novos produtos, modernização de áreas de produção, do fortalecimento da estrutura interna institucional, e mais recentemente em âmbito nacional a modernização do INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial).

E por fim, o capítulo dinâmica industrial e estratégias de inovação em vacinas nos apresenta um consistente referencial teórico sobre o tema, que conduz os leitores a um mergulho no mundo competitivo sob diferentes lógicas, aplicando este referencial teórico com muita propriedade à área das vacinas. O capítulo lança reflexões sobre o desafio de unir estratégias competitivas, industriais e tecnológicas à realidade social. Nesse sentido, não há como não pensar sobre a importância de buscar inovações radicais, associadas às mudanças de modelos organizacionais e gerenciais trazendo resultados significativos como retorno dos investimentos econômicos.

A comprovação dos resultados atingidos são visíveis através das análises mostradas em um conjunto de gráficos e tabelas, Bio-Manguinhos com certeza cumpre seu papel frente à sociedade brasileira, com um conjunto de quesitos, em especial o alto investimento realizado pelo governo federal para atender ao mercado de saúde do país.

O livro reforça resultados de outros estudos da área, amplamente discutidos em encontros como o I Seminário do Complexo Industrial em Saúde no Rio de Janeiro, encontros sobre inovação e propriedade intelectual desenvolvidos pela Rede de Propriedade Intelectual, Cooperação, Negociação e Comercialização de Tecnologia (REPICT), traduzindo sempre a desarticulação existente no país, entre o setor acadêmico e o setor produtivo.

Este modelo centrado na produção científica e na publicação de artigos tem se mostrado insuficiente para resolver os problemas nacionais e estimular o crescimento real do país. Já se sabe, por intermédio das discussões realizadas, que uma nação não se faz somente com homens e livros; sem a efetiva aplicação de soluções para sanar problemas nacionais, muito pouco se pode acrescentar às nuances deste mundo fértil de idéias, mas pobre em aplicações.

Existe, e isto é real, uma desconexão entre os vários segmentos da cadeia produtiva e do setor consumidor. Produtos que não queremos para as necessidades que não temos!

É sempre bom reforçar os exemplos de sucesso, por isto a obra estaria mais rica se um de seus capítulos fosse destinado à experiência do Instituto de Tecnologia em Fármacos (Far-Manguinhos) da FIOCRUZ, seg-